

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni - Junho de 2018

ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM FRENTE AO ATENDIMENTO HUMANIZADO NO SETOR DE PEDIATRIA

Martha Honorato da Silva*, Marcia Maria Carvalho Pimentel**, Lucas Tavares Nogueira***, Daniel de Azevedo Teixeira****.

Resumo

O enfermeiro precisa compreender o indivíduo de forma holística, sendo necessário um entendimento teórico acerca do desenvolvimento humano atendendo aos fatores físicos, psíquicos, espirituais e sociais. O cuidar humanizado está ganhando cada vez mais espaço no setor saúde, principalmente quando se trata de integrar o paciente com o meio hospitalar de forma que promova adesão ao tratamento e um atendimento de qualidade. Este estudo apresenta dimensões fundamentais, que visam um atendimento de qualidade, mostrando ao profissional de enfermagem novas possibilidades de assistência às crianças do setor de pediatria, objetivando fornecer princípios modificadores que facilitam um conjunto de relações entre profissionais e crianças.

Palavras-chave: Enfermagem. Pediatria. Humanização

Abstract

The nurse needs to understand the individual in a holistic way, and a theoretical understanding about human development is necessary, attending to the physical, psychic, spiritual and social factors. Humanized care is gaining more space in the health sector, especially when it comes to integrate the patient with the hospital environment in a way that promotes adherence to treatment and a quality care. This study presents fundamental dimensions, aiming at a quality care, showing the nursing professional new possibilities of assistance to children in the pediatrics sector, aiming to provide modifying principles that facilitate a set of relationships between professionals and children

Key-words: Nurse. Pediatrics. Humanization

* Enfermeira, Especialista em Docência do Ensino Superior

** Enfermeira, Especialista em Programa de Saúde da Família

*** Enfermeiro, Especialista em Gestão Pública

**** Farmacêutico-Bioquímico, Mestre em Imunopatologia e Doutorando em Biocombustíveis

1 Introdução

A relevância da humanização engloba atividades que modificam positivamente a assistência de enfermagem. Haja vista que a PNH (Política Nacional de Humanização) apresenta finalidades desafiadoras para a construção de um melhor atendimento dos profissionais enfermeiros.

O cuidar humanizado está ganhando cada vez mais espaço no setor saúde, principalmente quando se trata de integrar o paciente com o meio hospitalar de forma que promova adesão ao tratamento e um atendimento de qualidade. O enfermeiro precisa compreender o indivíduo de forma holística, sendo necessário um entendimento teórico acerca do desenvolvimento humano atendendo aos fatores físicos, psíquicos, espirituais e sociais. Além da busca pela compreensão da relação de participação da família no processo de adoecimento do indivíduo, entra em cena reflexões intercaladas com a ética profissional, cidadania e com a criatividade lúdica

. O desenvolvimento humano se dá em amplos aspectos e variações individuais, como sendo produto de transformações das pessoas, considerando seus aspectos biopsicossociais.

Os inúmeros fatores biológicos e seus mecanismos participantes provocam notáveis mudanças na sequência a qual é dada o desenvolvimento. Devido a isto, grandes estudiosos pensaram e elaboraram teorias a respeito dos determinantes do desenvolvimento, onde são apontados as diferenças individuais das capacidades infantis e como são construídas para que sejam elementos fundamentais de entendimento futuro.

Desta forma, o profissional enfermeiro deve considerar o momento do desenvolvimento dentro do ciclo vital que a criança está vivenciando, assim também sabendo que elas apresentam medos e anseios, mas ao mesmo tempo necessitam de cuidados e atendimentos voltados ao estado de saúde/doença.

De acordo com Rios (2009) na relação do profissional com o paciente, saber escutar não seria apenas um ato de generosidade e de boa vontade, mas um importante recurso técnico para o diagnóstico e a adesão terapêutica, sendo que essa relação é imprescindível para o exercício de uma gestão participativa, ou seja, um processo que valoriza a capacidade do indivíduo de atuar nas diversas áreas na

solução de problemas e a transdisciplinaridade caracterizada por ser uma atitude de afinidade relacionada ao outro e ao seu conhecimento.

São objetivos do presente trabalho: caracterizar a importância do enfermeiro no atendimento humanizado às crianças do setor de pediatria; descrever o processo de desenvolvimento infantil em sua totalidade; descrever um atendimento humanizado destinado às crianças e fornecer resultados positivos na sua condição de saúde. A problemática é a seguinte: Como o trabalho do enfermeiro poderá contribuir para um atendimento humanizado às crianças do setor de pediatria?

Este estudo apresenta dimensões fundamentais, que visam um atendimento de qualidade, mostrando ao profissional de enfermagem novas possibilidades de assistência às crianças do setor de pediatria, objetivando fornecer princípios modificadores que facilitam um conjunto de relações entre profissionais e crianças.

Contudo fazer um planejamento de assistência para aprimorar as estratégias de implementação dos recursos atrativos e lúdicos são métodos construtivos e que devem ser relevados e comprometidos com a produção de saúde. Na obra de Mello (2008) pode-se dizer que humanização em redes de saúde significa construções permanentes de laços solidários, sendo que a reorganização das práticas de saúde possibilitam criar condições que otimizam a sabedoria prática e de qualidade do atendimento profissional.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de um embasamento teórico, tendo em vista a importância do profissional de enfermagem no cuidado humanizado prestado à criança do setor pediátrico. Para a coleta de dados foram utilizados livros, artigos informativos, publicações impressas por sites governamentais.

A pesquisa qualitativa possibilita que sejam apresentadas as fases do desenvolvimento infantil sob o ponto de vista de autores que descreveram esse processo. Os dados obtidos por meio do levantamento bibliográfico é uma abordagem essencial e reflexiva sobre a temática da humanização nas práticas de enfermagem.

3 Discussão

Proporcionar um atendimento de qualidade às crianças exige que o profissional enfermeiro tenha uma percepção diferenciada do conceito de humanização. No ano de 2003 o Ministério da Saúde promulgou a PNH com o objetivo de oferecer um atendimento humanizado aos usuários do SUS, no qual teria programas, propostas e projetos baseados na solidariedade e na individualidade humana. Tendo em vista a dimensão subjetiva da humanização, o enfermeiro deve fazer uma reflexão crítica a respeito do cuidado prestado às crianças. Desse modo, o profissional deve focar não somente em um atendimento técnico especializado, mas também dar ênfase a técnica lúdica e ao ambiente, de forma que a criança formalize o seu entendimento ao cuidado recebido.

Nesse sentido, deve-se ressaltar que a criança está em constante processo de desenvolvimento de sua capacidade intelectual e física, e passar por um processo de doença ameaçador a sua saúde, são fatores geradores de estresse, ansiedade e limitações que a impossibilitam de realizar atividades ativas que ela está acostumada a fazer no seu dia a dia.

A criança em fase de desenvolvimento, ainda não está preparada para lidar com fatos que abalem o seu emocional, podendo apresentar comportamentos variáveis a uma situação de raiva ou medo a algum procedimento feito pela enfermagem. Sigmund Freud relata que os conflitos emocionais da criança podem levar a grandes experiências traumáticas, isto é, as sensações de ansiedade, medo e estresse apresentados pela mesma, podem interferir para que o enfermeiro faça seu trabalho e que a terapêutica utilizada por ele seja dificultada pelo choro, agitação e agressividade que são reações da criança ao ver que pode ser perfurado ou lesionado.

Em contrapartida na obra de Feldman, Olds e Papalia (2006) Erik Erikson relata que as crises presentes na personalidade infantil são entendidas pela criança de acordo com o nível de sua maturação individual, podendo apresentar, por exemplo, confiança ou desconfiança a determinadas pessoas e ao meio à qual está, o que reforça a ideia que deve haver predominância da afetividade entre

profissionais enfermeiros e crianças, para que ela aprenda a confiar em outras pessoas e no ambiente a qual não irá lhe fazer mal.

A contribuição do embasamento teórico é fundamental para que o enfermeiro compreenda os motivos pelos quais a criança apresenta rejeição ao tratamento e entenda que a mesma está passando por um processo de formação de sua capacidade cognitiva e dependendo da idade e do grau de sua maturação explicaria as atitudes que elas apresentam. A compreensão do processo de desenvolvimento infantil é uma fonte indicativa de conhecimento para o enfermeiro, que possibilita que ele elabore estratégias lúdicas de entretenimento às crianças para que ela coopere com a terapêutica, estabelecendo um vínculo de confiança para que ela sinta-se acolhida ao processo do cuidado.

Não é uma tarefa fácil para os enfermeiros garantir um cuidado que vai além da técnica, devido às características únicas da natureza infantil. Para proporcionar a criança uma boa qualidade de assistência é importante que o profissional conheça o universo da criança, preservando a sua particularidade e priorizando o seu bem estar, por meio de artifícios criativos e lúdicos que a prepararão emocionalmente para poder aceitar o procedimento necessário ao seu tratamento.

A importância do enfermeiro no atendimento humanizado nos setores pediátricos pode ser resumida em um conjunto de práticas que altera a lógica tecnicista e autoritária, e permita que a criança participe do processo assistencial, ou seja, que a mesma possa ser acolhida e amparada pelo enfermeiro, de forma que ela participe e interaja com o profissional (MELLO, 2008). A proposta da humanização na assistência às crianças é promover um atendimento de qualidade, sobre o princípio de solidariedade, respeito, dedicação e amor.

Cultivar um atendimento em redes de pediatria consiste em adotar medidas condizentes com a realidade da instituição, com a idade da criança e o nível de entendimento que ela apresenta. O brinquedo terapêutico fornece um importante método que possibilita que a criança sinta-se mais acolhida no ambiente hospitalar. Uma criança de quatro anos, por exemplo, quando segura o brinquedo fornece a ela distração e alegria, e durante a preparação da mesma para algum procedimento, como a aplicação de uma injeção, a deixa confortável e segura para que não apresente tanta rejeição à técnica. Mesmo que ela apresente medo da “agulhada” e

mostre-se agitada, o entretenimento que o brinquedo fornece alivia esses sentimentos de negação na hora da conduta terapêutica, podendo inclusive cooperar com a sua realização.

Esse exemplo explica a teoria de Jean Piaget, onde a interação do objeto com a criança pode influenciar no desenvolvimento de sua capacidade cognitiva (INHELDER; PIAGET, 2011). Ou seja, quando a criança está em constante contato com o brinquedo ela faz combinações mentais, sendo que, à medida que esses conhecimentos são assimilados por ela os aspectos emocionais como a ansiedade e o medo ao procedimento terapêutico, é reduzido, isso porque, quando ela explora o brinquedo seu emocional passa por certo equilíbrio, que leva a criança a vencer barreiras impostas pelo medo da técnica de enfermagem.

Executar um procedimento requer que o profissional deixe transparecer para a criança empatia e sensibilidade, escutando-a e explicando o que será realizado, mesmo que pela pouca idade não compreenda, mas que seja abordada de forma que transpareça pelo profissional a confiança necessária para a execução da técnica. Todavia o profissional deve saber identificar o momento certo para agir sensivelmente com certa flexibilidade, respeitando os medos que a criança tem, mas saber também impor limites a ela quando for necessário, pois algumas atitudes de rejeição são toleráveis, mas não pode também que prejudique o procedimento e ao seu tratamento.

Os sentimentos que afligem a criança na hora do procedimento resultam em estresse, incompreensão e dúvidas ao que será feito com ela, ficando com raiva e algumas vezes agressiva. Cabe ao enfermeiro tentar acalmá-la, conversar com ela, oferecer apoio e explicando de modo pacífico o que será feito. Essas atitudes são comuns em crianças, pois esta é forma de expressar o quanto seu emocional encontra-se fragilizado, levando o profissional a compreender a origem desse comportamento.

A criança ao entrar no ambiente hospitalar já sente medo e ao ver outras crianças ao seu redor que também se encontram numa situação de adoecimento é um processo de difícil compreensão para ela. Na obra de Lakomy (2008) Henri Wallon aborda a relação que a criança estabelece com o seu meio, e a influencia que ele exerce sobre a criança, sendo que essa interação faz parte do processo de

desenvolvimento e contribui para que possa criar novas formas de aprendizado. Wallon explica que uma relação mal estruturada da criança com o meio a qual ela está, pode resultar em traumas onde os comportamentos advindos são resultados dessa interação mal estabelecida.

A teoria de Wallon tem grande importância para que o enfermeiro possa compreender o medo que a criança sente ao ambiente hospitalar, isso porque é um ambiente que não remete alegria esteticamente. Criança gosta de lugares coloridos, com presença de brinquedos, onde ela possa brincar livremente ao contrário de redes hospitalares que impõem silêncio e tranquilidade. Devido a isso, algumas instituições aderiram à proposta da humanização em redes pediátricas, onde o ambiente destinado às crianças deveria transparecer harmonia e alegria esteticamente, com presença de cores, desenhos nas paredes para não passar uma “visão triste e sem vida”. Em algumas instituições existem brinquedotecas ou espaços destinados às crianças, na ausência desses espaços, existem outras medidas que podem ser usadas nos setores pediátricos.

No contexto apresenta o brincar lúdico que constitui um forte recurso para que a criança não apresente rejeições ao ambiente hospitalar. Esses métodos são de acordo com a idade da criança, do estado de adoecimento a qual se encontram e a aceitação organizacional da instituição, pois fazer algumas abordagens inovadoras estabelece mudanças no modo de direcionar uma assistência humanizada.

Criatividade na prática do cuidado é uma arte e o profissional enfermeiro deve buscar medidas que correspondam ao universo infantil, aliando humanização ao procedimento técnico em atividades corriqueiras de um ambiente de saúde. Um simples brincar de “faz de conta” como propor a criança que ela finja que é médica e aplique a injeção no paciente que é o enfermeiro, torna ela mais tranquila e confortável para deixar que o profissional aplique nela a injeção, numa situação de troca de papéis. Essa brincadeira não é enganar a criança, pelo contrário, o profissional pode falar que a injeção “dá um pouco, mas que é rapidinho e é para o seu bem”. Isso é uma forma de apresentar o procedimento, possibilitando que a criança o entenda e que coopere com a sua realização.

É um ato simples, mas de grande significado, pois aproxima o mundo da criança ao do enfermeiro, onde é estabelecido um vínculo de afetividade e amizade.

Criar situações onde a criança sintá-se parte do processo de cuidar é uma forma de humanização e de promover saúde, sendo que a essência da enfermagem é uma abordagem integrada nos seus aspectos individuais tratando a criança da melhor maneira possível.

A atenção direcionada à criança pelo enfermeiro com métodos atrativos como o brinquedo terapêutico abrem portas para um atendimento de qualidade que é a proposta da PNH atualmente, isso porque ressalta o valor do profissional comprometido com ética e valoriza o ser humano, sendo ele tratado em sua particularidade da fase vivenciada e o valor da enfermagem cuidando do outro num caráter integral de assistência.

Há medida que o tempo passa a humanização vem ganhando cada vez mais espaço nos centros de saúde. O Humaniza/SUS abriu portas para um atendimento de nível solidário, valorizando o ser humano em sua particularidade. Com esse programa o profissional sente-se mais à vontade e conduzidos para aplicar ações que possibilitam que o procedimento terapêutico não seja rígido e mecânico, devido à criança apresentar fragilidades no seu estado de saúde e necessitar de proteção e segurança para enfrentar esse processo.

Contudo o enfermeiro deve fazer uma abordagem em nível assistencial às crianças do setor pediátrico fundamentada nos princípios da humanização, representando um novo modo de promover saúde e ampliar saberes valorizando a natureza infantil em seus aspectos biológicos, físicos e emocionais.

4 Conclusão

Prestar um cuidado humanizado nos setores de pediatria requer que o profissional enfermeiro adote iniciativas que garantam à criança um atendimento de qualidade valorizando a natureza infantil em sua totalidade.

No decorrer do trabalho, é ressaltada a importância da humanização nos procedimentos de enfermagem dando ênfase ao uso do brinquedo terapêutico e do brincar como forma de minimizar a sensação de ansiedade e medo da criança, criando um clima favorável para que o profissional possa realizar suas intervenções terapêuticas. Sendo assim, é necessário que o enfermeiro conheça o universo

infantil e seu processo de desenvolvimento para que ele possa compreender os fatores que condicionam o comportamento da criança.

Conclui-se que, adotar uma política humanizada em redes de pediatria produz transformações na cultura de uma instituição e na relação do enfermeiro com o paciente, visto promover uma assistência fundamentada na ética e na particularidade humana resultando em novas maneiras de gerar saúde e ampliar saberes a profissionais comprometidos com a humanização.

Referências

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: a clínica da fantasia. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 3 v.

CARPIGIANI, B. Erik H. Erikson- Teoria do desenvolvimento social. 7. ed. São Paulo Disponível em: <http://www.carpsi.com.br/Newsletter_7_ago-10.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

LAKOMY, A. M. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2008. 93 p.

SOUZA FILHO, M. L. Relações entre aprendizagem e desenvolvimento em Piaget e em Vygotsky. **Rev. Diálogo Educ.** Curitiba, v.8, n. 23, 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd1=1840&dd99=pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança**: acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil. Brasília: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/crescimento_desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. **Coleção PROINFANTIL**. Brasília: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/mod_ii_vol2unid2.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2014.

FELDMAN, R. D.; OLDS, S.W.; PAPALIA, D.E. **Desenvolvimento Humano**: 8. ed. São Paulo: Artmed, 2006.

GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4. ed. Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://carloscouto.weebly.com/uploads>>. Acesso: 20 mar. 2014.

MARSIGLIA, A. C. G. Relações entre o desenvolvimento infantil e o planejamento de ensino. **Cultura Acadêmica**, São Paulo, 2010. <Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins-9788579831034-07.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

BRASIL. Política Nacional de Humanização. Secretaria de Atenção à Saúde. Formação e intervenção. **Cadernos humanizaSUS**. Brasília: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2014.

PASHE, D. F.; PASSOS, E. A importância da humanização a partir do Sistema Único de Saúde. **Cartilha da PNH**, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/viewFile/18/30>> Acesso em: 18 fev. 2014.

RIOS, I. C. **Caminhos da humanização na saúde: prática e reflexão**. São Paulo: Aurea, 2009.

MELLO, I. M. Humanização da assistência hospitalar no Brasil: conhecimentos básicos para estudantes e profissionais. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/humaniza/pdf/livro/livro_dra_inaia_Humanizacao_nos_Hospitais_do_Brasil.pdf> Acesso em: 14 mar. 2014.

BOSQUETTI, M. A.; SILVA, M. L. B.; SOUZA, M. D. M. Política nacional de humanização (PNH) como ferramenta de gestão: uma análise bibliográfica. **Coleção Gestão da Saúde Pública**, v. 8, 2012. Disponível em: <http://gsp.cursoscad.ufsc.br/wp/wp-content/uploads/2013/03/Artigo_09.pdf>. Acesso: 18 de fev. 2014.

RESENDE, A. F. **Humanização em ambientes da atenção básica à saúde: representações sociais de agentes comunitários de saúde**. 2007. 92 p. Dissertação (mestrado em saúde e ambiente) – UNIT, Aracaju, 2007.

ALVES, E. B. et al. A percepção do profissional de enfermagem frente ao cuidado humanizado prestado ao paciente na UTI. **Etec parque da juventude**, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.etcparquedajuventude.com.br/Cursos/Enfermagem/ArquivosPDF/Artigos/UTI_pub_set_2012.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2014.

SILVA, C. D. A. et al. **Atuação do enfermeiro frente ao tratamento humanizado em crianças submetidas à quimioterapia**. Revista Eletrônica, 2010. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Atuacaodoenfermeirofrenteaotratamentohumanizadoemcriancassubmetidasaquimioterapia.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

RODRIGUE, I. O brincar na assistência de enfermagem à criança hospitalizada. **Rev Enferm UNISA**. Maranhão, 2000. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2000-12.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D. **Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Disponível em: <<http://elseviersaude.com.br/wp-content/uploads/2012/09/2011-Wong-ESAMPLE.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Grupo Hospitalar Conceição. Gerência de Saúde Comunitária. **Atenção à Saúde da criança de 0 a 12 anos**. Porto Alegre: GHC, 2009. Disponível em: <<http://www2.ghc.com.br/GepNet/publicacoes/livroatencaoacrianca.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2014.